
Luz no fim da quarentena: jornalismo científico em tempos de pandemia e infodemia¹

Aniele C. Avila Madacki²

Resumo

Para produzir uma demanda alta de conteúdo sobre o SARS-CoV-2, repórteres que nunca cobriram as áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação e a editoria de saúde passaram a se encarregar de pautas relacionadas à situação de pandemia. Mas esse diálogo entre jornalistas (sobretudo os que não cobrem essas áreas) e cientistas têm os seus desafios. Como discutir e informar (sobre) os movimentos da ciência a respeito do SARS-CoV-2 sem gerar mais ansiedade no público? Como fazer jornalismo de divulgação científica em tempos de pandemia e infodemia? Nesse artigo debatemos brevemente como o jornalismo científico precisou se reinventar para cobrir a ciência que estava (está) sendo feita em tempo real. O nosso objeto de estudo é o *podcast* da *rádio piauí* intitulado *Luz no fim da quarentena* que foi criado, especificamente, para a cobertura da pandemia do novo coronavírus.

Palavras-chave

jornalismo científico; pandemia; infodemia; desinformação; podcast

Introdução

Em maio de 2020, a jornalista estadunidense Maryn McKenna ministrou um curso no Knight Center for Journalism in Americas, intitulado *Journalism in a pandemic: covering covid-19 now and in the future*. Uma das reflexões mais recorrentes dos entrevistados, entre os quais o infectologista Michael Osterholm e a vice-presidente executiva da farmacêutica Merck, Julie Gerberding, foi sobre a relevância do jornalismo nos tempos de pandemia. Para eles, a produção de conteúdo informativo ajudaria a conter a desinformação e, no extremo, contribuiria para “achatar a curva” de transmissão do vírus.

Para produzir uma demanda alta de conteúdo sobre o SARS-CoV-2, repórteres que nunca cobriram as áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) e a editoria de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Filosofia pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, email: anieleam@gmail.com.

saúde passaram a se encarregar de pautas relacionadas à situação de pandemia. Mas esse diálogo entre jornalistas (sobretudo os que não cobrem essas áreas) e os pesquisadores e médicos têm os seus desafios. Foi o que observou a dra. Sylvie Briand (médica francesa), diretora do departamento de Preparação contra Riscos Infecciosos Globais da Organização Mundial da Saúde (OMS), que, em diálogo com McKenna no curso do Knight Center, fez uma instigante reflexão: o Jornalismo, mesmo com a situação de urgência que a pandemia impõe, tem como grande desafio respeitar a “dinâmica da ciência”.

E como *dinâmica da ciência* podemos pensar nas pesquisas acadêmicas que, em algumas matérias, podem levar décadas para serem concluídas. Em se tratando da busca por remédios e vacinas, por exemplo, também podemos considerar os estudos pré-clínicos e os ensaios clínicos randomizados que, geralmente, têm várias fases e podem demorar décadas para apresentarem resultados eficazes e seguros. Também devem ser consideradas as publicações em revistas indexadas e, nesse processo, a revisão dos estudos pelos pares (*peer review*), os eventos de discussão e debate dos dados científicos, como congressos, simpósios, etc. Tudo isso faz uma espécie de “maturação” do conhecimento o que gera consensos nas comunidades acadêmica e científica, consensos a partir dos quais novos estudos e entendimentos podem ser estabelecidos.

No caso do novo coronavírus, que era completamente desconhecido dos cientistas e dos médicos até o início da pandemia, muitos desses procedimentos foram modificados para que um volume maior de dados e informações pudessem ser utilizados por profissionais da saúde e autoridades governamentais. E se o grande desafio dos cientistas era (é) produzir conhecimento sobre o novo coronavírus com a pandemia avançando por diversos países, aos jornalistas cabia (cabe) lidar com a infodemia³ e, além disso, fazer a divulgação de uma ciência que estava (está) em construção. Mas como discutir e informar (sobre) o SARS-CoV-2, enfatizando a “dinâmica científica”, sem gerar mais ansiedade

³ A expressão foi cunhada pela primeira vez em 2003 por David Rothkopf no jornal The Washington Post. Na ocasião, o mundo vivia a epidemia de SARS e Rothkopf escreveu um artigo dizendo que além do vírus em si outro fato agravava a situação da saúde pública no mundo: a “epidemia informacional ou infodemia”. Em linhas gerais, ele a definiu como rumores, especulações ou mesmo medo que são espalhados através das modernas redes de tecnologia que acabam interferindo na política, nas economias e até mesmo na segurança pública. Para ele, esse era um fenômeno complexo causado por relações intrincadas de diferentes mídias, desde as redes “informais” (como as da internet) até o que chamamos de “mídias tradicionais” (como jornais, tevê, etc.). Para ler o artigo de David Rothkopf na íntegra acessar: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/> >.

no público? Ou como fazer jornalismo de divulgação científica em tempos de pandemia e infodemia?

Mobilizados por essas reflexões, analisamos no presente artigo o *podcast* da *rádio piauí* intitulado *Luz no fim da quarentena* que foi criado, especificamente, para a divulgação de “informações dos mais recentes artigos científicos sobre o novo coronavírus e a pandemia *do* (sic) covid-19” (TOLEDO, 2020, episódio 1). Nesse texto, procuramos observar, brevemente, se essa produção jornalística pode ser considerada de divulgação científica, isto é, se tem as características do jornalismo científico; e, se sim, como é a estratégia de comunicação nesse momento de pandemia.

Metodologia

Esse estudo ampara-se em alguns procedimentos da Análise do Conteúdo (doravante “A.C.”), especialmente a abordagem qualitativa. Em artigo de 1999, Roque Moraes define alguns dos pontos básicos que o analista deve percorrer quando pretende utilizar essa metodologia. Segundo esse autor, um primeiro aspecto é ter um contato mais geral com o material que se quer investigar, o que em A.C. é conhecido como “leitura flutuante”. Como nosso objeto era um *podcast*, a etapa inicial consistiu, basicamente, em uma escuta mais geral do programa.

À medida que avançamos no reconhecimento do objeto e o problema do estudo ficou mais evidente, fizemos um duplo movimento: (a) procurar por bibliografias que nos ajudassem a pensar o jornalismo científico especialmente no momento de pandemia; e (b) ouvir o material de maneira mais atenta (guiada pelo problema geral) para tentar pensar em maneiras de categorizá-lo e interpretá-lo. Assim, combinamos dois métodos de “categorização” do conteúdo: o dedutivo que, segundo Moraes (2003), estabelece categorias de separação e classificação do material com base em teorias previamente consultadas, um movimento que parte do geral para o particular; e o método indutivo no qual o analista constrói “as categorias com base nas informações contidas no corpus” (MORAES, 2003, p. 197). Nessa abordagem, o analista faz o movimento contrário do método dedutivo, partindo do particular (do objeto) para o geral.

Segundo o autor, a combinação desses dois tipos de categorização é propícia quando “o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do corpus de análise” (MORAES, 2003, pp. 197-198), isto é, quando o material, por sua riqueza ou complexidade, propicia a

revisão ou expansão das categorias iniciais. Importante acentuar ainda que as categorias e unidades de classificação do material devem estar em sintonia com os objetivos e com o objeto de pesquisa. Tendo isso em mente, o eixo principal de categorização que adotamos é baseado na pergunta: *o que se diz?* Poderíamos desdobrar essa pergunta básica nos seguintes pontos: o podcast em questão fala sobre ciência? Se sim, segue as práticas do jornalismo científico? Como o podcast trabalha a ciência (que está sendo feita em tempo real) nesse momento de pandemia?

A partir desse eixo temático mais amplo pensamos em abordar o material a partir das seguintes unidades (que remetem a algumas características do jornalismo científico):

a.1. Comunicação de ciência (apresentação dos resultados, metodologias, objetivos de pesquisa);

a.2. *Modus operandi* da ciência na pandemia (dinâmica da ciência em tempos pandêmicos);

a.3. Linguagem didática e tradução (analogias, metáforas, formas de contar os “achados” científicos);

a.4. Ampliação temática (informação que não está essencialmente ligada a resultados, metodologias, isto é, à informação de ciência, porém são aspectos que perpassam a ciência, como a economia, a política, etc.);

a.5. Público a que se destina.

Esse fracionamento do conteúdo em eixos temáticos se mostrou o mais produtivo tendo em vista não apenas o objetivo do estudo, mas também o material. Na seção seguinte, debatemos brevemente algumas das características do jornalismo científico; com isso, esperamos que o/a leitor/a compreenda melhor a escolha das unidades de análise.

Cabe ressaltar ainda que, até o momento da revisão final desse artigo, o podcast produziu cinquenta e dois episódios de cerca de quinze minutos cada. Para essa análise, no entanto, consideramos um universo amostral menor: os trinta primeiros episódios que foram levados ao ar de 3 de abril a 6 de julho. Essa delimitação precisou ser estipulada para tornar o trabalho exequível, no entanto, acreditamos que essa quantidade seja adequada tanto para os objetivos e tipo de estudo que nos propusemos fazer quanto para que o leitor tenha uma ideia mais geral sobre o podcast e consiga entender a sua dinâmica.

Breves considerações sobre o Jornalismo Científico

Em artigo de 2010, Wilson da Costa Bueno pontua importantes diferenciações entre a comunicação científica e a divulgação de ciência. Segundo o autor, a primeira é feita *entre e para* a comunidade acadêmica e científica que já está iniciada na linguagem, nos conceitos e métodos aplicados nas pesquisas. Por não “precisar fazer concessões em termos de decodificação do discurso especializado” (BUENO, 2010, p. 2), a linguagem e a comunicação em si são mais técnicas. Também por isso, o conteúdo fica mais restrito aos espaços e meios científicos (revistas indexadas, eventos, congressos, palestras, etc.). Quanto aos objetivos, Bueno observa que a comunicação de ciência “visa, basicamente, à *disseminação* de informações especializadas *entre os pares*” (BUENO, 2010, p. 5, grifo nosso).

Já a divulgação científica está mais próxima do que chamamos de jornalismo científico, mas, segundo o autor, não se restringe a ele já que pode ser um “produto” também do entretenimento (quando é abordado por filmes, revistas em quadrinhos, peças de teatro, etc.) e do mercado editorial (com a publicação de livros didáticos e biográficos). Outra peculiaridade desta área é o público que é mais heterogêneo e difuso: são pessoas que, geralmente, não têm tanto contato com as pesquisas científicas e, por isso, demandam uma linguagem menos técnica, menos “abstrata”. Nas palavras do autor, a divulgação científica exige “decodificação e recodificação do discurso especializado, *com utilização de recursos (metáforas, ilustrações ou infográficos)* que podem penalizar a precisão das informações” (BUENO, 2010, p. 3, grifo nosso).

E, se a intenção da comunicação científica é divulgar, entre os pares, os avanços da ciência, na divulgação científica o objetivo é

democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho (BUENO, 2010, p. 5).

Sobre a intenção de “alfabetizar”, Bueno faz algumas ressalvas. Para ele, não basta que a divulgação de ciência se preocupe em “traduzi-la”; é indispensável que se dedique também a

contextualizar dados, fatos e resultados de pesquisa de modo a garantir a sua temporalidade, o desvelamento de intenções e de oportunidades para a sua produção e aplicação. Além disso não deve associar C&T apenas com a expressão desinteressada e descompromissada do talento

humano, mas vinculá-las a interesses, aos que as patrocinam e nelas investem para obter lucros (BUENO, 2010, p. 8).

Ou seja, é imprescindível que o jornalista que cobre (ainda que temporariamente) ciência considere também os aspectos econômicos, políticos e culturais implicados neste campo. Tendo esses pontos em mente, é possível apontar uma convergência do pensamento de Wilson da Costa Bueno com a percepção de Yuriy Castelfranchi (2008), em seu artigo *Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática*. Nesse texto, o sociólogo comenta que o jornalista científico consegue “traduzir” os dados científicos para um público que não costuma ter contato com a área, mas que o faz ligando-os ao cotidiano das pessoas, mostrando-lhes o impacto e a importância da informação de ciência em seu dia a dia⁴. Além disso, para esse autor, o jornalista que se especializa nesta área deve interpretar e analisar *criticamente* os métodos da ciência e seus mecanismos de produção de conhecimento.

Pensando especificamente no contexto do surto do SARS-CoV-2, alguns jornalistas entendem que é preciso se adaptar (e adaptar o conteúdo) às condições da pandemia. É o que pensam, por exemplo, o acadêmico Gary Schwitzer e a jornalista Megan Molteni. Em entrevista a Maryn McKenna, eles observaram que, para realizar uma cobertura eficaz nesse momento de pandemia, os jornalistas devem se preocupar em explicar com clareza e precisão os resultados dos estudos científicos, mas que, para isso, é necessário investigar as pesquisas como se faz com qualquer outra história ou fato. Para que os jornalistas consigam fazer as “perguntas difíceis” e não fiquem presos a *press-releases* (e, conseqüentemente a interesses de laboratórios ou governos, por exemplo), é indispensável buscar entender as pesquisas, especialmente quanto a metodologias, aos financiamentos e possíveis conflitos de interesses, além dos objetivos (*endpoints*) e suas eventuais mudanças⁵.

⁴ Esse aspecto é especialmente importante se considerarmos alguns dados como o que o relatório “Wellcome Global Monitor” apontou. Segundo a pesquisa feita em 2018, 20% da população mundial se sente pessoalmente excluída dos benefícios da ciência. Essa percepção foi bastante frequente na América do Sul onde 39% da população compartilha essa visão.

⁵ Na conversa com McKenna, Schwitzer abordou a cobertura da *FoxNews* sobre a hidroxiquina que, nos Estados Unidos, foi amplamente defendida pelo presidente Donald Trump. Sabe-se que a Fox é uma aliada de Trump e, para dizer o mínimo, a rede de televisão ajudou a criar uma expectativa positiva sobre o possível tratamento. No entanto, à medida que novos e contundentes estudos foram sendo produzidos, refutando a eficácia do remédio para o tratamento da covid, a rede de televisão foi pressionada a abandonar a defesa da substância. Schwitzer disse que se os jornalistas que inicialmente divulgaram as substâncias como as grandes “panaceias” contra a covid-19 tivessem realizado esses procedimentos básicos de apuração e pesquisa, teriam percebido que o estudo do francês Raoult Didier tinha problemas que comprometiam a validade dos dados. Para o jornalista, essa “cobertura” entra para a história da imprensa estadunidense como um dos mais vergonhosos *cases* do jornalismo.

Os jornalistas sugeriram também que, especialmente durante a pandemia e infodemia, é indispensável que os profissionais informem como o conhecimento científico é produzido. É necessário abordar a “dinâmica da ciência” de que falou Sylvie Briand: o modo de produção (o propalado “rigor científico”), a temporalidade, as eventuais dificuldades ou facilidades, etc. Além disso, é importante reforçar que, no caso específico do novo coronavírus, o conhecimento estava (está) sendo produzido em “tempo real” – o que impõe novos e diferentes desafios. Ou seja, é necessário comunicar de forma clara que, nessa conjuntura, há dados que ainda não são consensos para as comunidades científica e acadêmica, portanto, novas informações podem surgir, inclusive para afastar o que antes se tinha como possibilidade.

Conscientizar a população a respeito do *modus operandi* da ciência e da forma como esta pode operar diante de uma situação de exceção, como a da pandemia, parece ser crucial para esmorecer as redes de desinformação. Um público bem informado quanto a esses aspectos pode reforçar a legitimidade do jornalismo à medida que fica menos vulnerável a incompreensões, desentendimentos e mentiras. Além disso, dar visibilidade aos cientistas e às suas formas de trabalho, e não apenas aos resultados, também poderia ajudar a resgatar a confiança do público na ciência⁶.

A partir dos autores mobilizados fica evidente a importância de pensar o jornalismo científico a partir de aspectos próprios desse “campo”, como a linguagem, o público a que se destina, o veículo/ formato em que a informação é divulgada, etc. Mas também é necessária atenção a fatores que estão ligados mais especificamente à abordagem da ciência, da sua temporalidade, dos seus padrões éticos, da sua forma de produção e não apenas aos “achados” científicos em si.

Resultados

Roque Moraes (2003) chama a exposição de resultados, em A.C., de “metatexto” no qual deve haver, necessariamente, a descrição do material e também a sua interpretação. O autor recomenda que, para fazer a descrição, o analista se aproxime mais do objeto, inclusive fazendo citações diretas. Nesse artigo, procuramos fazer essas referências diretas com parcimônia, de forma a não deixar a leitura maçante. No entanto,

⁶ Considerando-se o contexto global, sabe-se que os chamados grupos negacionistas, que contestam a racionalidade, as evidências e os consensos científicos, têm conquistado inúmeros adeptos, inclusive de figuras que atuam na cena política. Sabe-se também que a ciência, em todo o mundo, tem perdido prestígio. No Brasil, por exemplo, segundo a pesquisa Wellcome Globe Monitor, um terço da população não confia na ciência.

achamos importante trazer algumas transcrições para que o leitor que não conhece o programa tenha uma ideia do que falamos. Já na interpretação, continua Moraes, é possível “afastar-se do imediato”, para buscar uma “compreensão mais aprofundada” (MOARES, 2003, p. 204) do material. Nessa etapa, procuramos analisar o objeto a partir de nosso problema de estudo. Passemos, então, a esse debate.

Pensando nas características do jornalismo científico (BUENO, 2010), o público (unidade a.5) do *Luz no fim da quarenta* não se restringe às comunidades científica e acadêmica, portanto é mais heterogêneo, “difuso”. É importante ressaltar que, embora seja veiculado no canal do *Foro de Teresina*, que é o principal podcast da *rádio piauí*, parece equivocado dizer que o *Luz* é ouvido apenas por aqueles que já conhecem a revista, uma vez que são conteúdos veiculados em aplicativos de *streaming*, como o Spotify, podendo inclusive ser ouvidos *off-line*. Além disso, os conteúdos são gratuitos, característica que pode angariar mais audiência⁷.

Quanto à linguagem didática e tradução (unidade a.3), observamos que tanto José Roberto de Toledo quanto o prof. Dr. Fernando Reinach demonstraram uma preocupação em realizar a “decodificação e recodificação do discurso especializado” (BUENO, 2010, p. 3). Portanto, metáforas, analogias e outros recursos explicativos são frequentes nos episódios analisados. Por exemplo, no episódio cinco, intitulado *Retardo fatal*, Reinach explicou o porquê de na pandemia estarmos olhando os números que refletem o passado, não o presente. Para elucidar esse conceito, o cientista contou uma história hipotética baseada em uma analogia chamada por ele de “caixa d’água”:

imagina uma caixa d’água, cheia de água. Logo na saída da caixa d’água tem um registro. Nesse registro *tá* ligado um cano que é muito comprido, muito comprido... Tão comprido que se você abrir o registro agora a água só vai sair na ponta do cano 15 dias depois. Aí eu ponho a Maria controlando o registro e na ponta do cano tem o João que quer encher um balde de água. Eles têm um telefone para falar entre eles (...) (REINACH, 2020, episódio 5).

Na história que Reinach contou, Maria abria todo o registro, mas a água só começava a chegar para João depois de quinze dias. Quando chegou, porém, foi um volume muito alto, inundando a casa de João que teria que esperar mais quinze dias para

⁷ Note-se que em um dos episódios o prof. Dr. Fernando Reinach, principal colaborador do programa, comentou que a audiência é “esclarecida”, sugerindo, pelo menos, que a *persona* a qual se destina o podcast tem um nível alto de escolaridade. Observe-se ainda que, embora não tenhamos dados mais concretos sobre a audiência em termos de classe social e escolaridade, a linguagem utilizada (expressões em inglês e recorrência do português culto) dá indícios de que o programa é pensado para um público de maior capital cultural e maior poder aquisitivo.

a água baixar. Esse retardo da água e o desastre da inundação seriam similares à dinâmica da pandemia: se há quarentena (registro de água fechado), os casos acontecem em menor quantidade. Já se os governos decidem autorizar a “reabertura econômica” (registro aberto), os casos sobem, saturando o sistema de saúde e causando muitas mortes.

Outro programa que trabalhou com essa perspectiva de “tradução didática” foi o vigésimo terceiro, intitulado *Como rastrear o vírus você mesmo* que foi ao ar no dia 11 de junho. Toledo e Reinach fizeram uma espécie de “radionovela” para demonstrar a aplicação prática de uma metodologia de acompanhamento de infectados chamada de “contact tracing”. A “encenação” tinha como base um curso online de rastreamento de infectados feito por Reinach na *Johns Hopkins University*. Toledo fez o papel de um soropositivo para o SARS-CoV-2 e Reinach, o de um rastreador. Importante assinalar que o cientista pontuou o porquê de determinados procedimentos serem adotados (grifos), deixando o ouvinte a par do embasamento científico para a tomada de decisão do rastreador.

- Agora, Toledo, eu vou ter que te fazer algumas perguntas, *porque você é um caso porque testou positivo. Eu vou precisar rastrear os seus contatos (...)*. Bom, quem você encontrou desde quinta a tarde?

- Eu encontrei minha mulher, que mora comigo, e eu fui ao barbeiro no sábado e lá no barbeiro eu tive obviamente um contato com um barbeiro, com um manobrista e com o caixa do barbeiro (...).

- Bom, então o manobrista e o atendente *não são contatos*, não são pessoas que eu tenho que ligar, entendeu, Toledo, *porque você teve uma interação muito rápida com eles...*

- E eu tava de máscara...

- Ah, *cê tava de máscara então é muito pouco provável que cê tenha contaminado eles. Já o barbeiro, o que que aconteceu? Você ficou quanto tempo na cadeira mais ou menos?*

- Meia hora com ele...

- Bom, então, *ai já tem uma chance grande de você ter contaminado ele. A gente considera que uma interação acima de 15 minutos próximo a uma pessoa, tanto faz tá de máscara ou não, a pessoa já é uma pessoa que pode ter sido contaminada (...)* (TOLEDO; REINACH, 2020, episódio 23, grifos nossos).

Com esse “teatrinho”, como definiu Toledo, o ouvinte pode ter uma noção mais geral de como fazer o contato dos infectados, conhecendo o passo a passo básico dessa metodologia. Ao longo do episódio, o cientista também reforçou as vantagens e possíveis dificuldades de fazer esse rastreamento.

Há que se pontuar, no entanto, que fazer um *podcast* de divulgação científica é desafiador, uma vez que nesse formato o jornalista não possui os recursos visuais do telejornalismo e do jornalismo impresso. Assim sendo, exige-se mais criatividade e eloquência para realizar o que Costa Bueno chama de “decodificação” da informação científica. Nesse formato, também é indispensável a *escuta atenta* do ouvinte, o que pode ser um desafio a depender do assunto tratado.

No décimo sexto episódio, por exemplo, Reinach e Toledo comentaram uma pesquisa cujo intuito era avaliar a chamada “imunidade de rebanho” na capital paulista (unidade a.1). Toledo abriu a comunicação dizendo ao ouvinte que, segundo uma pesquisa realizada em São Paulo (coordenada pelo próprio Reinach), a taxa de reprodução do vírus na cidade era de 1,88: “isso significaria, então, que se no dia 17 de maio havia 38.605 casos, duas semanas depois, tudo mantido como está, a gente teria 72.577 casos no dia 31 de maio, 136.446 no dia 14 de junho, 256...” (TOLEDO, 2020, episódio 16). O apresentador precisou recuperar o fôlego para completar a informação, insistindo na grande dimensão de infectados que a cidade teria.

Depois dessa introdução, Reinach explicou o conceito da imunidade de rebanho e qual era a taxa mais aceitável para São Paulo: “Então tem uma formulazinha que diz o seguinte: que a fração da população que tem que ser infectada pra ter a imunidade de rebanho é igual a um menos uma fração que é um sobre o $R=0$ do vírus (...)” (REINACH, 2020, episódio 16). O episódio seguiu nessa toada de números, contas, porcentagens, conceitos e ressalvas do pesquisador. Tudo isso deixou o episódio mais denso, com um volume maior de informações e detalhes. Esses dados “mais brutos”, embora necessários de serem conhecidos e debatidos, podem dificultar a assimilação, sobretudo porque o ouvinte não conta com recursos visuais “de apoio” e o nível de atenção exigido dele é muito alto.

Notamos ainda que o *Luz* foi criado para debater exclusivamente os estudos sobre o novo vírus e as possíveis formas de combatê-lo. Dessa maneira, a nossa expectativa inicial era encontrar discussões sobre essas novas pesquisas, seus resultados, metodologias, etc. (unidade a.1). Essa expectativa se confirmou: de fato, há um grande volume de episódios debatendo estudos e pesquisas feitos durante a pandemia. Os seis primeiros episódios, por exemplo, explicam aspectos mais específicos do novo coronavírus, como métodos de testagem, possíveis tipos de vacinação, o conceito e a importância da imunidade de rebanho, as taxas de contaminação do vírus e de mortalidade

da doença covid-19 e a experiência e resultados de países europeus no enfrentamento do surto de SARS-CoV-2. Toledo e Reinach debateram também a transmissão do vírus por assintomáticos, o que a ciência sabia sobre a durabilidade da resposta imunológica e sobre a possibilidade de existirem pessoas “naturalmente” imunes ao vírus.

A priori, portanto, o *Luz* debate estudos e resultados científico, ou o que a ciência tinha construído de conhecimento até o momento sobre o novo vírus. Entretanto, à medida que os programas são veiculados percebe-se um avanço do que chamamos de “contextualização” (unidade a.4), isto é, os debates não se restringem apenas à produção científica em si, mas enveredam em pautas sobre história e filosofia da ciência, economia e geopolítica. Há também uma abordagem mais específica sobre a ciência no contexto da pandemia (unidade a.2). Assim, o programa ganha complexidade e diversidade de informação, configurando-se como um exemplo positivo de jornalismo científico em tempos pandêmicos.

Um dos exemplos disso que se fala é a discussão sobre o uso de máscaras caseiras que acabou tangenciando, por exemplo, um debate mais aprofundado sobre o rigor e modo de produção científicos. Em 8 de maio (portanto, logo no início da pandemia), foi ao ar o episódio *Máscara da discórdia* que debateu um relatório da *Royal Society of London*. Nesse trabalho, realizado a partir da revisão de papers sobre o uso de máscaras caseiras, os cientistas afirmavam que, na literatura científica, até aquele momento, não havia nenhum dado dizendo que as máscaras eram eficientes e tampouco havia estudos dizendo que não eram eficientes. No entanto, os cientistas que assinaram o relatório decidiram recomendar o uso das máscaras caseiras, gerando polêmica na comunidade científica. Reinach explicou o porquê:

os cientistas são muito puristas nessas coisas, né, porque é muito sério pra ciência quando uma coisa que não é provada nem de um jeito nem do outro passa a virar uma verdade científica. Isso incomoda muito os cientistas (...). O problema é que, na ciência, quando você faz uma pergunta dessa ‘essas máscaras protegem ou não protegem’, você descobre que *cê* não tem dados nem que elas protegem, nem que elas não protegem, isso leva a ciência a fazer essa pesquisa (...) essa é a maneira clássica de operar na ciência (REINACH, 2020, episódio 12).

Reinach pontuou que a contestação dos cientistas estava certa, justamente porque não havia nenhuma *evidência científica* de que as máscaras caseiras poderiam ajudar a prevenir a transmissão do vírus. Quatro dias depois, em 12 de maio, um novo episódio foi veiculado e o biólogo debateu uma pesquisa publicada na *American Chemical Society*

que sinalizava, com base em experimentos, que as máscaras caseiras poderiam ser bastante eficientes desde que fossem feitas com tecidos específicos (seda pura e algodão de 600 fios por polegada) e tivessem boa vedação. Para os ouvintes que acompanharam os programas à medida que foram ao ar ficou claro que o jornalista e o cientista não erraram, tampouco inventaram qualquer informação sobre as máscaras não serem eficazes, eles apenas debateram as evidências científicas existentes naquele momento.

Os debates sobre o desenvolvimento de vacinas também são bons exemplos da ampliação temática do programa. Para tratar desse assunto, uma das fontes mais frequentes foi Thiago Carvalho, imunologista da Fundação Champalimaud de Portugal. Carvalho explicou, por exemplo, quais as fases dos estudos vacinais, as principais tecnologias utilizadas para a imunização contra o SARS-CoV-2 e quais as vantagens e possíveis desvantagens de cada uma. No entanto, ele também abordou questões inerentes à fabricação e ao abastecimento para os diversos países, tangenciando, assim, aspectos econômicos e geopolíticos. Com isso, ele fez o ouvinte pensar quando e com quais condições a população mundial vai ter a vacina disponível:

Diferentes tipos de vacinas vão ter também diferentes capacidades de produção em larga escala (...) se é uma vacina que tem que ser refrigerada, como é que vai ser *pra* chegar de repente em tudo quanto é lado ao mesmo tempo? (...) quanto mais difícil, mais caro e *mais exigindo* não só a seringa, mas alguém que dê a injeção, etc. e tal muda tudo... mais nós vamos ter que ter estratégias inteligentes focadas de distribuição, de reação a focos, de proteger pessoal essencial, etc. (CARVALHO, 2020, episódio 14).

Em um dos episódios, Carvalho criticou também o que chamou de “ciência por press-release” feita durante a pandemia (unidade a.2), isto é, os laboratórios farmacêuticos que anunciam avanços nas pesquisas vacinais sem apresentar os dados em *papers*. Uma crítica similar foi feita por Reinach no episódio sete, *A ciência virou BBB*. Nesse programa, o cientista comentou que durante a pandemia houve um aumento acentuado de publicações, muitas das quais sem passar por um processo de revisão pelos pares (que é, por si só, um procedimento lento, mas necessário para o controle de qualidade da ciência). Reinach alertou que a urgência da pandemia justifica a ânsia dos pesquisadores em divulgar os dados sem que passem por um processo mais rigoroso de revisão, no entanto, como são utilizados para embasar decisões sanitárias e médicas, a perda da qualidade dos trabalhos científicos poderia ser fatal.

Lembrando o caso da cloroquina e da azitromicina, que foram divulgados por comunicadores e líderes políticos como “panaceias” para a covid-19, Reinach criticou os veículos de comunicação que, muitas vezes, divulgam notícias sem a devida sustentação em evidências científicas:

E tem muitos testes sendo feitos, muitas notícias saindo *pra* todo lugar, mas a grande maioria delas não é baseado (sic) em trabalhos científicos checados, rechecados e publicados (...) Todas essas notícias dão um ruído enorme e de certa maneira destroem um pouco aquela credibilidade sólida da ciência que é muito importante preservar. E aí você tem manipulação política em cima de uma notícia ou de outra, *cê* começa a ter todo tipo de problema (REINACH, 2020, episódio 7).

Ao lembrar a visibilidade que parte da mídia pode dar a rumores, boatos e mesmo à desinformação, a fala de Reinach permite reforçar o papel imprescindível do jornalismo profissional em conter o espalhamento de desinformação, em conter a infodemia.

No caso específico da cobertura do novo coronavírus, mais do que preservar a credibilidade sólida de cientistas, o jornalismo pode ajudar a resgatar a confiança do público na ciência, à medida que lhe mostra como a ciência opera, como ela constrói o conhecimento e, principalmente, como esse conhecimento pode beneficiar/ impactar as diferentes comunidades. Nesse sentido, é possível avaliar como positivo o trabalho do *Luz no fim da quarentena* ao se preocupar não apenas em divulgar as informações científicas sobre o novo vírus, mas também em debater aspectos intrínsecos e extrínsecos à ciência, como o *fazer da ciência*, seus padrões éticos, sua temporalidade, além de questões geopolíticas e econômicas que impactam o campo. Deixar a população bem informada sobre esse *modus operandi* ou sobre a dinâmica da ciência, como disse Sylvie Briand, parece tão importante quanto falar sobre os resultados ou os “achados científicos” em si e por isso o podcast é um bom exemplo de jornalismo científico em tempos pandêmicos.

Considerações finais: o tempo da ciência x o tempo do jornalismo

Na “Era da Informação” o ritmo é ditado pelo imediato. Do ponto de vista do jornalismo, sabe-se que essa instantaneidade alterou tanto a produção quanto o consumo de notícias: sobretudo durante a pandemia, as informações nos chegam, minuto a minuto, pelos smartphones, pelas redes sociais e muitos jornalistas, na ânsia do furo, ou do clique, podem produzir conteúdo sem amparo em dados científicos. Diante desse ritmo acelerado e da busca insistente pelo engajamento da audiência, a ciência, com seu fazer mais

cauteloso, suas idas e vindas constantes, parece ser “de outro tempo”. José Aparecido de Oliveira e Isaac Epstein, em artigo de 2009, comentam o seguinte:

A tarefa do jornalismo científico, de divulgar os avanços da ciência e satisfazer a curiosidade do público leitor, possui um tempo diametralmente mais curto que o tempo da ciência. Enquanto esta precisa de anos para produzir novas terapias e medicamentos, aquele pretende *noticiar agora*, no mínimo, o potencial terapêutico de um novo procedimento ou fármaco (OLIVEIRA; EPSTEIN, 2009, p. 425, grifo nosso).

Fernando Reinach, no sétimo episódio do podcast *Luz no fim da quarentena*, apresentou argumento similar a Oliveira e Epstein. Para o biólogo, a ciência tem a tradição de “andar devagar, mas construir um caminho sólido” (de conhecimento) (REINACH, 2020, episódio 7). E durante a pandemia esse embate de temporalidades ficou ainda mais evidente. Apesar disso, ciência e jornalismo podem caminhar juntos e quiçá esmorecer a “epidemia informacional” que (não é exagero dizer) tem desempenhado papel crucial na manutenção de desigualdades socioeconômicas e culturais à medida que influencia, por exemplo, processos eleitorais e, conseqüentemente, políticas públicas socioeconômicas e sanitárias.

Diante da crescente eficiência de redes de desinformação e do espalhamento da infodemia, é essencial que o jornalismo profissional, “guardião” do interesse público, pense em que tipo de divulgação científica faz. Ou seja, não basta apenas falar sobre o dado científico, não basta falar sobre o resultado de uma pesquisa ou estudo. Antes, e o que a pandemia nos mostrou, é necessário aproximar a ciência da sociedade, mostrando-lhe como é o *fazer da ciência*. Ademais, em um país extremamente desigual como o Brasil é necessário que jornalistas e cientistas pensem em diferentes estratégias de divulgação de ciência para os diferentes estratos sociais, porque, assim como o SARS-CoV-2, o vírus da desinformação também atinge de formas diferentes as diversas classes sociais no país. Sem uma postura e cobertura críticas, dificilmente o jornalismo e a ciência conseguirão conter o espalhamento desse vírus devassador que é a infodemia.

Referências bibliográficas

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n.1 esp., p.1-12, 2010.

CASTELFRANCHI, Yuri. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In: **Los desafíos y la evolución del periodismo científico en Iberoamérica. Jornadas Iberoamericanas sobre la ciencia en los medios masivos**. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): AECE, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008. 128p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

OLIVEIRA, José Aparecido de; EPSTEIN, Isaac. Tempo, ciência e consenso: os diferentes tempos que envolvem a pesquisa científica, a decisão política e a opinião pública. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.13, n.29, p. 423-433, abr./jun. 2009.

Referências fonográficas

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 1: A escalada da montanha do corona. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 3 de abril de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 5: Retardo fatal. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 14 de abril de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 7: A ciência virou BBB. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 20 de abril de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 12: Máscara da discórdia. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 8 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 14: Melhor vacina é não parar por ela. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Thiago Carvalho. [s.l]: **rádio piauí**, 15 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 16: Sem chance para errar. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 20 de maio de 2020. Podcast disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/luz-no-fim-da-quarentena/> >.]

Podcast Luz no fim da quarentena: episódio 23: Como rastrear o vírus você mesmo. Entrevistador: José Roberto de Toledo. Entrevistado: Fernando Reinach. [s.l]: **rádio piauí**, 9 de junho de 2020.